

Centro Ecumênico de Documentação e Informação  
- CEDI -  
Sucursal/SP. - Av. Higienópolis, 983 - 01238

CEDI - P. I. B.
DATA 11, 07, 86
COD WY 812

A UTILIZAÇÃO DO SOLO E DOS RECURSOS NATURAIS E A REPRESENTAÇÃO

DO TERRITÓRIO NUMA SOCIEDADE INDÍGENA DO BRASIL :

OS WAYANA - APARAÍ

Universidade de Brasília (Departamento de Ciências Sociais)

Fonds National Suisse de la Recherche Scientifique (Commission  
de recherche de l'Université de Genève)

Um projeto de estudo antropológico proposto por:

Pierrette e Volkmar Ziegler-Birraux

Sob a responsabilidade da professora:

Dra. Mariza Gomes e Souza Peirano

- 
- I. Significado e utilidade do projeto
  - II. Fundamentos teóricos e metodológicos
  - III. Programa de trabalho
  - IV. Os Wayãna-Aparai
  - V. Cronograma

Brasília - Abril 1981

## I. SIGNIFICADO E UTILIDADE DO PROJETO

As relações que as populações autóctones do Brasil mantêm com seu território e os recursos deste são ainda pouco conhecidas. Todavia, sabemos que eles apresentam uma importância enorme para estas populações, tanto no que concerne a sua sobrevivência física como a manutenção de sua cultura.

Segundo seu modo de vida, com efeito, o índio integrou-se já há muito tempo ao ecossistema de onde ele extrai a sua subsistência cotidiana; e, de maneira semelhante, onde ele inscreveu a memória histórica e mítica de seu grupo. Os laços que o prendem ao território são numerosos e diversos e a sua destruição pode significar o desaparecimento físico, bem como o de sua cultura material e espiritual.

A criação de parques e reservas mostra que estes fatos são reconhecidos pelas autoridades brasileiras encarregadas da proteção aos índios. O sentido destas medidas nem sempre é compreendido por certos setores da sociedade nacional que não partilham das mesmas relações com o espaço que os grupos indígenas. Daí resultam conflitos, que poderiam ser evitados se tivéssemos em mãos dados confiáveis que permitissem eliminar muitos preconceitos errôneos.

Para tanto, é indispensável estudar rigorosamente a utilização tradicional do solo por parte das populações autóctones, efetuando um levantamento dos recursos que elas extraem da natureza e os conhecimentos que possuem de seu meio ecológico. Estas informações práticas podem, ao mesmo tempo, servir à elaboração de programas de desenvolvimento comunitário, com vistas a melhorar o modo indígena de subsistência (por exemplo, a agricultura), bem como a qualidade de vida e o desenvolvimento cultural no seio das sociedades indígenas.

A abordagem ecológico-cultural é particularmente útil para se analisar os obstáculos à aceitação de inovações no desenvolvimento agrícola, pois dá ênfase à análise dos sistemas existentes sob diversos pontos de vista.

Com efeito, muitos projetos de desenvolvimento malograram, em outros países que não o Brasil, por falta de um conhecimento mais profundo e de uma utilização adequada dos recursos humanos e naturais disponíveis. Portanto, é necessário começar a atuar a partir do levantamento das necessidades, dos recursos e do saber das populações locais.

Este trabalho pretende contribuir para a ação indigenista brasileira, fornecendo conhecimentos científicos sobre a utilização das terras por um grupo indígena e suas necessidades em matéria de infra-estrutura; o estudo fornecerá os dados de base que permitirão:

- conhecer de maneira profunda o ecossistema da área a pesquisar tendo em vista intensificar o uso dos recursos existentes e desenvolver os recursos potenciais;
- elaborar uma metodologia que leve em conta o conjunto de laços que unem os índios ao território que ocupam, laços estes indispensáveis à sua sobrevivência como indivíduos e como cultura;
- avaliar a importância dos fatores geográficos (localização, distribuição no território etc.) na elaboração de programas de assistência e desenvolvimento cultural, em primeiro lugar para a criação de locais de atendimento médico e de formação de enfermeiros indígenas;
- informar a população não-indígena sobre o uso efetivo que um grupo indígena faz do território que ocupa.

## II. FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

---

A pesquisa baseia-se, de um lado, nas aquisições recentes da antropologia relativas às relações entre sistemas sócio-cosmológicos e a organização do espaço habitado (1) e, de outro, nos conhecimentos da ecologia inerentes ao impacto mínimo da utilização indígena do solo na Amazônia (2). Ela se fundamenta em uma recomendação do Professor Harald Sioli (3) que preconiza uma ocupação da Bacia amazônica de acordo com o padrão tradicional, sob forma de pequenos grupos dispersos, a fim de evitar a destruição do meio ambiente.

Este projeto tem por objetivo:

- (a) O estudo da utilização indígena do espaço e dos recursos naturais visto como um processo onde interagem sistemas ecológicos e sócio-cosmológicos.
- (b) A avaliação destas práticas e dos conhecimentos ecológicos dos índios na perspectiva de um manejo ambiental adaptado ao meio natural e cultural da Amazônia.
- (c) O estudo das representações indígenas do território e do papel dos fatores simbólicos na percepção social do espaço.

Faltam, todavia, dados e métodos para elaborar um quadro teórico que integre o conjunto dos fatores espaciais. A horticultura autóctone ainda tem sido pouco estudada no Brasil e a superfície das áreas cultivadas geralmente escapa à observação dos autores, inclusive dos modernos (4). De maneira semelhante, dá-se pouca atenção aos territórios de caça, pesca e coleta ou à "zona-tampão" entre as aldeias, cuja função não é apenas política mas também ecológica, visto que permite a preservação da diversidade das espécies animais e vegetais.

No entanto, o trabalho de Smole junto aos Yanoama (5) mostra o interesse que existe em estudar rigorosamente o sistema de interações homem-espaço que revela como estes índios - por intermédio de suas atividades de subsistência - souberam criar uma paisagem cultural que lhes é própria. Neste sentido, parece exis-

tir um indício de manejo ambiental muito mais consciente do que se imaginava até então.

Isto também parece emergir de várias pesquisas recentes não especificamente dedicadas às relações das populações autóctones com o território, onde descobrimos, não obstante, a importância destes laços para as mesmas. Assim, Schoepf observa, ao registrar histórias biográficas dos Wayâna-Aparaí, que a escolha dos locais de residência sucessivos é o "domínio onde convergem as articulações operatórias mais significativas da sociedade Wayâna-Aparaí e que, por esta razão, escolhemos como tema revelador de base" (6); Seeger constata que a toponímia é um conhecimento primordial que todos os Suya devem compartilhar (7) e que ela constitui um mapa cultural repleta de significados tanto no plano da subsistência como no da história do grupo (8); Albert observa que a narração dos mitos se refere constantemente a lugares precisos. Ele acrescenta que o território Yanomami constitui "um verdadeiro banco de dados de memória histórica" e que seus habitantes se mostram particularmente dispostos a cooperar quando se trata de comunicar seus conhecimentos relativos à terra, aos recursos naturais e à sua transposição mitológica (9).

Isto quer dizer que o ponto de vista espacial permite considerar um povo indígena sob um ângulo que ele mesmo valoriza, a saber, sob o ângulo de sua relação com a terra.

Isto também quer dizer que esta relação é renovada constantemente pela prática cotidiana, da qual resulta um equilíbrio dinâmico entre a cultura e a natureza. Dinâmico, isto é, suscetível de ser modificado, podendo ser destruído a qualquer momento e cuja manutenção supõe uma soma considerável de conhecimentos renovados incessantemente, sobretudo no caso de um povo semi-nômade (10).

E mais adiante, parece, de fato, que a conceituação indígena seja muito mais tributária de noções espaciais do que de noções temporais e que, conseqüentemente, grande parte do saber e da memória dos índios seja articulada metaforicamente em torno das relações espaciais. Isto permite considerar a paisagem - habitada ou não - como uma "metáfora que exprime a relação entre a

natureza, os homens, a sociedade e os símbolos" (11), ou seja, como um lugar de pesquisa privilegiado que contém saber e memória indígenas.

Convém precisar aqui que os conceitos de terra e território serão utilizados tais como definidos por Seeger e Viveiros de Castro (12). O primeiro, no sentido de meio de produção, lugar de trabalho agrícola ou solo, onde se distribuem recursos animais e de coleta; o segundo, englobando todas as dimensões sócio-cosmológicas. A noção geográfica de paisagem sintetiza os conceitos de terra e território, visto que ela exprime o conjunto das inter-relações homem-espaço.

Colocada nestes termos, a problemática do projeto suscita um duplo questionamento teórico e metodológico, a saber:

- (a) A leitura da paisagem, por intermédio de conceitos indígenas, permite o acesso às estruturas ecológica, social e cosmológica que fundamentam sua constituição ?
- (b) Como integrar os fatores simbólicos no estudo da paisagem e, então, levá-los em conta quando da elaboração de medidas de manejo ambiental e de proteção das áreas indígenas ?

- 
- (1) Lévi-Strauss (1956), Hall (1968), Rapaport (1969), Sommer (1969), Frikel (1970), Melatti (1970), Reichel-Dolmatoff (1970), Bourdieu (1971), Arvelo-Jimenez (1971), Da Matta (1976), Gregor (1977), Seeger e Viveiros de Castro (1978), Seeger (1974 e 1981).
  - (2) Carneiro (1960), Frikel (1961), Conklin (1968), Meggers (1971), Harris (1971), Sioli (1973), Gasche (1975), Smole (1976), Brown (1979).
  - (3) Diretor da Divisão de Ecologia tropical do "Max-Planck-Institut für Limnologie", Plön, Alemanha, e ex-diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA).
  - (4) Eduardo Galvão, Encontro de sociedades, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979, pp.229 e 235.

- (5) William J. Smole, The Yanoama Indians : A Cultural Geography, University of Texas Press, Austin & London, 1976.
- (6) Daniel Schoepf, Relatório de pesquisa etnográfica junto aos Wayâna-Aparai (Estado do Para) apresentado à FUNAI, Genebra, 1977.
- (7) Anthony Seeger, Nature and Culture and their Transformations in the Cosmology and Social Organization of the Suya, a Gespeaking Tribe of Central Brazil, PhD dissertation, University of Chicago, 1974, (inédito), p.102.
- (8) Anthony Seeger, Nature and Society in Central Brazil : The Suya Indians of Mato Grosso, Harvard University Press, Cambridge & London, 1981, p.77.
- (9) Conversa particular com Bruce Albert que passou 21 meses com os Yanomami.
- (10) A. Seeger, *ibidem*, p.77.
- (11) Thomas Gregor, Mehinaku, University of Chicago Press, Chicago, 1977, p.62.
- (12) Anthony Seeger e Eduardo Viveiros de Castro, "Terras e territórios indígenas no Brasil", in: Encontros com a Civilização Brasileira, vol. 12, junho 1979, p.104.



### III. PROGRAMA DE TRABALHO

O trabalho de campo, na área dos Wayãna-Aparaí do médio rio Paru de Leste, Estado do Pará, será desenvolvido em três tempos. De início, trata-se de recolher dados relativos à utilização dos recursos naturais para a agricultura, a caça, a coleta e a pesca; em seguida, estudar o modo de organização do espaço; finalmente, ressaltar a especificidade da representação do espaço pelos Wayãna-Aparaí tanto nos planos ecológico e sócio-histórico, como no plano cosmológico.

#### (a) A utilização do solo e dos recursos naturais

- Localização e inventário das plantas cultivadas para a subsistência, a medicina, os rituais, o artesanato; avaliação do papel desempenhado pelas plantas introduzidas recentemente.
- Inventário e avaliação dos instrumentos e técnicas utilizadas para desmatar, plantar, cuidar da roça e efetuar a colheita; avaliação das mudanças devido à introdução de utensílios desconhecidos.
- Relação e datação dos antigos locais de cultivo e estudo do impacto ecológico causado pelo deslocamento das roças.
- Localização e inventário dos recursos da caça, coleta e pesca destinados à subsistência, medicina, rituais e artesanato.
- Avaliação da importância qualitativa e quantitativa dos recursos do cultivo, caça, coleta e pesca; relação das prescrições e restrições relativas a certos animais ou determinadas plantas.
- Descrição do processo de descoberta, exame, aceitação e/ou rejeição de novos recursos (plantas, insetos etc.).

Síntese : Impacto ecológico e resposta ambiental diante da atuação humana.

(b) A organização do espaço

- Estudo da organização espacial da aldeia permanente e das roças produtivas em função dos parâmetros demográficos e sociais já conhecidos.
- Relação e descrição dos antigos locais habitados, das aldeias temporárias e dos lugares com função histórica e simbólica.
- Dimensão e características físicas das superfícies utilizadas para o habitat, a agricultura, a caça, a pesca e a coleta.
- Dimensão e papel ecológico da zona entre as aldeias não utilizada no período da pesquisa.
- Estudo do sistema de orientação no sol: levantamento dos caminhos, trilhas e dos pontos de referência.

Síntese : Plano e função da paisagem habitada e não-habitada.

(c) A representação topológica e simbólica do espaço

- Relação dos critérios indígenas de escolha dos locais para seu habitat, para a caça, a coleta e a pesca.
- Reconstituição dos trajetos migratórios e datação dos locais habitados, utilizados ou percorridos a partir de narrativas históricas e biográficas.
- Levantamento toponímico.
- Esboços e planos desenhados e comentados pelos Wayâna-Aparaí afim de compreender as categorias pelas quais se distinguem os espaços míticos, históricos e ocupados atualmente.
- Paisagem míticas e origens cosmológicas: de onde vêm e para onde vão os Wayâna-Aparaí ?

Síntese : Memória topológica e conceitualização espacial entre os Wayâna-Aparaí.

#### IV. OS WAYANA-APARAÍ

Seis ou sete gerações de casamentos inter-étnicos permitem considerar estes dois grupos como uma única entidade, tanto do ponto de vista linguístico como geográfico. De língua karib, a maior parte dos Wayana-Aparaí dominam os dois dialetos, sendo que um ou outro se afirma em função do local de residência. Sua área: as margens do alto e médio rio Paru de Leste, no norte do Estado do Pará.

Cerca de 300 indivíduos distribuídos em 13 aldeias (1), das quais a mais importante é a Aldeia Apaiaí (antiga Aldeia Bona), onde se encontra um posto da Funai e uma pista de aterrissagem.

Embora os contatos com os Wayana-Aparaí sejam antigos, os elementos não-indígenas permaneceram ocasionais e esporádicos até 1960. O isolamento desta região tornou o local um refúgio tanto para as populações autóctones como para a fauna e a flora, sendo que estas últimas testemunham épocas geológicas terminadas. A diversidade da paisagem e a utilização tradicional - extensiva e polivalente - que dela fazem os Wayana-Aparaí tornam esta área particularmente interessante para o nosso projeto.

Esta utilização consiste de agricultura de queimada, caça, pesca e coleta que necessitam de deslocamentos cíclicos por razões ecológicas. Os conhecimentos relativos à terra dos Wayana-Aparaí são indispensáveis à sua sobrevivência e à do ecossistema em que eles vivem. Além disso, os fatores simbólicos e religiosos assumem uma importância muito grande nas suas relações com o espaço, pois eles constituem os critérios decisivos de escolha dos locais das aldeias e certos locais lembram acontecimentos históricos e míticos, tais como a aliança entre os dois grupos.

Protásio Frikel mostrou - num estudo dedicado a um povo vizinho (2) - que a tradição oral se inscreve profundamente no

---

(1) Cifras de 1978.

(2) Protásio Frikel, Os Kaxúyana: notas etno-históricas, Publicações avulsas do Museu Goeldi, nº14, Belém, 1970.

espaço. Ele aponta para a possibilidade de voltar pelo menos um século atrás na história das migrações da tribo e isto apenas recorrendo à memória coletiva. Frikel também ressalta claramente o papel da paisagem na mitologia e na cosmogonia do grupo.

Finalmente, o fato que os Wayâna-Aparai se auto-denominam freqüentemente em função de elementos espaciais constitui um indício suplementar da intensidade e da multiplicidade dos laços que sua sociedade mantém com o território que ocupa.

### Bibliografia

- COUDREAU, Henri : Vocabulaire méthodique des langues Ouayana, Aparai, Oyampi, Emerillon. Bibliothèque linguistique américaine, Paris, 1892.
- FIGUEIREDO, Napoleão : Groupes indigènes et fronts pionniers de pénétration nationale dans l'Etat du Pará. In: Bulletin de la Société suisse des Américanistes, nº34, Genève, 1970.
- FRIKEL, Protásio : Classificação linguístico-etnológico das tribos indígenas do Pará Setentrional e zonas adjacentes. In: Revista de Antropologia, vol.2, São Paulo, 1958.
- GILLIN, John : Tribes of the Guianas. In: Handbook of South American Indians, vol.3, Washington, 1948.
- GRELAND, Françoise : Le manioc chez les Indiens Wayâna et Wayampi de la Guyane Française et du Brésil. Institut d'Ethnologie, Paris, 1971.
- HOPPER, Janice H. (ed) : Indians of Brazil in the Twentieth Century, Institute for Cross-Cultural Research, Washington, 1967.
- HURAUULT, Jean : Les Indiens Wayâna de la Guyane Française, structure sociale et familiale. ORSTOM, Paris, 1968.

KOEHN, Sally Sharp : Apalaí Kinship and Social Behavior. In: Arq. Anat. Antrop. Inst. Antrop. Prof. Souza Marques, nº1, Rio de Janeiro, 1975.

KOEHN, Edward e Sally : Apalaí Language Description. Summer Institute of Linguistics, Belém, (Biblioteca da FUNAI).

: Notes on the Apalaí Language. Summer Institute of Linguistics, Belém, (Biblioteca da FUNAI).

LAPOINTE, Jean : Residence Patterns and Wayâna Social Organization. PhD dissertation, Columbia University, New York, 1970.

RAUSCHERT-ALENANI, Manfred I. : Unser Forschungsaufenthalt bei den Aparai-Wajana Indianern, 1972-1976. Büro Rauschert, Bonn, 1977, (Biblioteca da FUNAI).

SCHOEPP, Daniel : Historique et situation actuelle des indiens Wayâna-Aparai du Brésil. In: Bulletin annuel du Musée d'Ethnographie, nº15, Genève, 1972.

: Relatório de pesquisa etnográfica junto aos Wayâna-Aparai (Estado do Pará) apresentado a FUNAI. Geneva, 1977, (Biblioteca da FUNAI).

: La Marmite Wayâna : Cuisine et société d'une tribu d'Amazonie. Genève, s.ed., 1978.

SPEISER, Felix : Im Dúster des brasilianischen Urwaldes. Stuttgart, 1926. -

V. CRONOGRAMA

Duração :

De 1º de setembro de 1981 a 31 março de 1982

Área :

Estado do Pará, médio rio Paru de Leste, nas seguintes aldeias (todas fora da área do Parque Indígena de Tumucumaque) :

Aldeia Apalaí (posto da Funai) - Aramapukú - Kuriputpematape - Xuixuimô - Anapuakã - Kumarkapan - Itapekê.

Deslocamentos :

De 1º de setembro a 30 de setembro:  
vôo da FAB de Belém até Aldeia Apalaí (posto da Funai), estadia em Aldeia Apalaí.

De 1º de outubro a 31 de outubro:  
estadia em Aramapukú.

De 1º de novembro a 30 de novembro:  
estadia em Kuriputpematape.

De 1º de dezembro a 31 de dezembro:  
estadia em Xuixuimô.

De 1º de janeiro a 31 de janeiro:  
estadia em Anapuakã.

De 1º de fevereiro a 28 de fevereiro:  
estadia em Kumarkapan.

De 1º de março a 31 de março:  
estadia em Itapekê, retorno a Aldeia Apalaí,  
vôo da FAB de Aldeia Apalaí até Belém.